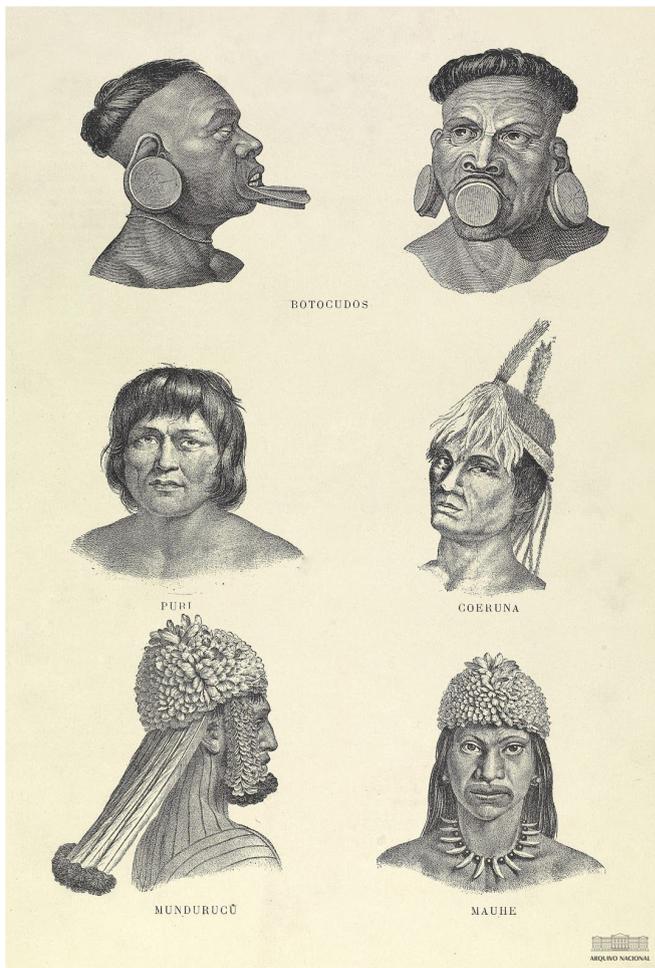


Os Índios Antes do Brasil



Gravura mostrando povos Indígenas do Brasil (século XIX). Ilustração contida na obra "Le Brésil", de Pierre-Emile Levasseur, 1899. Arquivo Nacional. Biblioteca Maria Beatriz do Nascimento.

Considerações Iniciais

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

Ailton Krenak

“Quando se pensa em história, se pensa em escrita!” Nas origens do estudo da disciplina, essa frase foi cunhada e desde então se propagou como um mantra na mente daqueles que olham para o passado. A Pré-História, nessa lógica, é tudo o que veio antes da escrita, ou seja, até a primeira tabuleta em escrita cuneiforme dos sumérios, há mais de 5000 anos, na Mesopotâmia.

Tal afirmação, contudo, passou a ser criticada pelos historiadores modernos que, em dado momento, perceberam que a análise dos fragmentos do passado não estão somente na escrita e nos documentos oficiais, mas também no padrão das pinturas de um vaso, nas práticas rituais repetidas e reproduzidas no presente, na contação de histórias, nas fotografias, etc. A análise das imagens (iconografia) e dos relatos (história oral) são dois dos infinitos novos caminhos que se abriram quando se rompeu com a necessidade da escrita para escrever a história.

Com esse novo método de fazer história, a “pré-história” segue sendo “pré”? A resposta de muitos historiadores para essa pergunta já é “sim!”, mas ainda não é consensual, especialmente pela exaustão com que a frase que abre este texto foi reproduzida e consolidada. Ainda assim já é possível “desenhar” a história de muitas sociedades ignoradas por anos simplesmente por não haver cultura escrita evidente.

Os povos que ocupavam a América portuguesa antes da invasão europeia dos trópicos no século XVI são vítimas desse apagamento que teve como uma das causas justamente a inexistência de uma cultura escrita tradicional. Os resquícios materiais e imateriais deixados pelos pré-cabralinos são, contudo, rico material de análise para historiadores que, associados com a arqueologia podem explorar novas dimensões técnicas de seu trabalho. A escrita de uma história indígena das terras pindoramas, futuramente conhecidas como Brasil, começou a ser escrita e ganha destaque a cada dia, entendê-la significa se aprofundar no passado, mas também entender a situação atual do indígena no Brasil. A frase de Aílton Krenak, jornalista, produtor gráfico e líder indígena, chama a atenção para tal apagamento e para a urgência em recuperá-lo em um mundo que se viciou na exclusividade do estudo de documentos escritos, uma herança ocidental e eurocêntrica¹, e que se esqueceu nas várias outras formas que um ser humano em comunidade pode ler seu próprio universo. Em suma, a busca por uma narrativa indígena que não seja escrita por cronistas portugueses do século XVI, mas sim pensada pelos próprios povos americanos originários.

¹ Ideia que coloca os interesses e a cultura europeia como sendo as mais importantes e avançadas.

...

Sendo assim, *como eram os índios antes do Brasil?*

O termo “indígena”, usualmente atribuído para referir-se a essas populações autóctones que aqui residiam antes da chegada dos portugueses, homogeneiza cerca de 8 milhões de pessoas que dividiam-se em mais de 1000 povoados e falavam cerca de 1300 línguas diferentes, espalhados pelo território brasileiro.



Mapa I: Grupos linguísticos indígenas em 1500. Fonte: Geopizza

Nesse resumo, iremos nos aprofundar nos povos Tupi-Guarani que, apesar de apresentarem inúmeras diferenças no que diz respeito a língua e algumas práticas religiosas, possuíam semelhanças em aspectos culturais e sociopolíticos. Ademais, é importante ressaltar e lembrar que o estudo dessas populações é limitado pela inexistência de documentos escritos indígenas da época e exercidos através da arqueologia, estudo de tradições orais e linguísticas e análise de relatos

dos colonizadores do século XVI. Dentre as comunidades estudadas, o conjunto Tupi-Guarani é o que mais se tem conhecimento.

Como viviam os Tupi-Guarani?

Quem são?

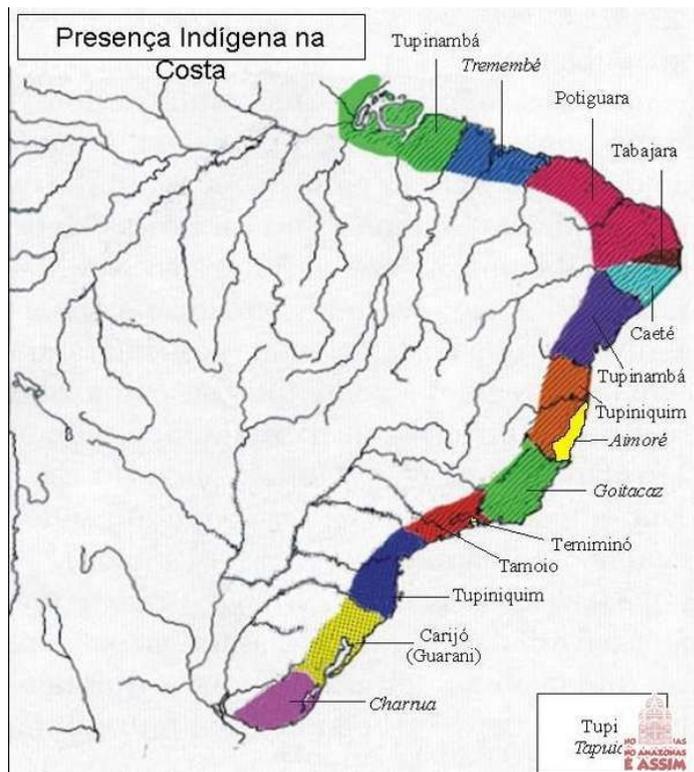
Guarani: *Carijó (Assunção e na costa atlântica); Mbyasá (caminho de ligação entre essas áreas); Tobatí, Guarambaré e Itatí (Paraná-Paraguai); Tapé (bacias do Uruguai e médio Paraná).*

Tupinambá: *Tupiniquim (litoral e planalto paulistas, Espírito Santo e sul da Bahia); Tupinambá (vale do Paraíba, na costa do norte de São Paulo a Cabo Frio e do Recôncavo baiano à foz do São Francisco); Caeté (Paraíba); Potiguar (Ceará).*

Quantos eram?

2, 5 milhões

O termo “Tupi-Guarani” é designado genericamente para representar as populações indígenas que dominavam o litoral brasileiro durante a chegada dos portugueses. Essas populações eram bastante homogêneas em termos linguísticos e culturais, e encontravam-se dispersos ao longo da costa com ramificações profundas pelo interior, sempre acompanhando o vale dos rios. O conjunto tupi-guarani pode ser distinguido em dois blocos subdivididos: ao sul, os Guarani ocupavam as bacias dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e o litoral, desde a Lagoa dos Patos até Cananéia (SP); ao norte, os Tupinambá dominavam a costa desde Iguapé até, pelo menos, o Ceará, e os vales dos rios que deságuam no mar. No interior, a fronteira recairia entre os rios Tietê e Paranapanema.



Mapa 2: Presença Indígena na costa brasileira a época do Descobrimento

Esses dois blocos, contudo, não formavam duas grandes unidades políticas regionais: estavam divididos, nas palavras dos cronistas, em várias “nações”, “castas”, “gerações” ou “parcialidades”, algumas aliadas entre si, outras antagônicas. As aldeias tupinambá eram compostas por um número variável de *malocas* (em geral, de 4 a 8) dispostas irregularmente em torno de um pátio central, abrigando uma população de 500 a 2 mil pessoas. Muitas dessas aldeias eram ligadas fisicamente por trilhas e culturalmente por laços de consanguinidade e aliança e mantinham relações pacíficas entre si, participando de rituais comuns, reunindo-se para expedições guerreiras de grande porte, auxiliando-se na defesa do território.

As aldeias aliadas formavam núcleos de interação mais densa, nexos políticos, no interior desses conjuntos maiores, designados na literatura como Tupiniquim, Tupinambá, *Temomino* e assim por diante. Esses pactos formavam conjuntos multi comunitários, como nós de uma rede sem centro: não existia um núcleo regional, político-cerimonial, onde residisse um chefe ou sacerdote supremo; os grandes xamãs tupi-guarani, conhecidos como pajés ou karai-ba, não exerciam

uma função central - eram eles que circulavam pela terra, de aldeia em aldeia, profetizando e curando. É importante ressaltar aqui que nessas comunidades, inexistia hierarquia e um poder centralizado, sendo o cacique a figura de líder temporário escolhido pelos demais membros.



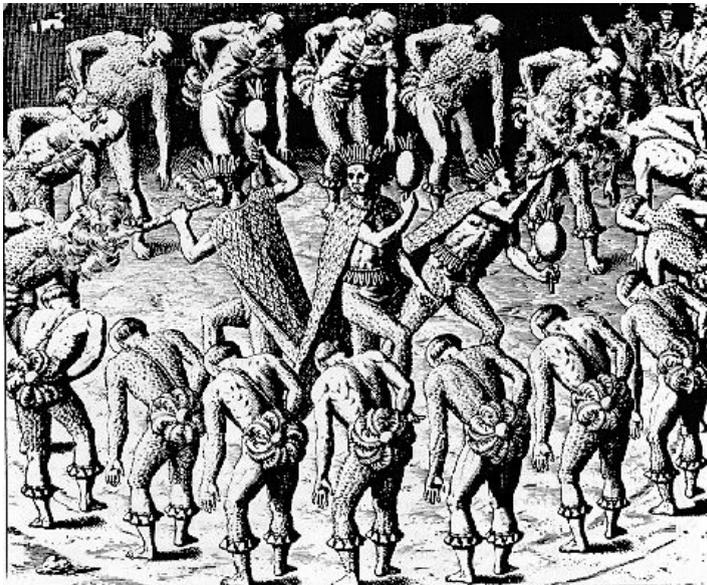
Foto de uma maloca tukano

Os tupi-guarani eram classificados como semi sedentários, migravam de região em região de acordo com a disponibilidade de alimentos, e sobreviviam a base de caça, pesca, extrativismo e agricultura de subsistência. A organização dos “afazeres” dentro dos povoados eram divididos de acordo com o sexo: os homens eram responsáveis pela prática da guerra, caça, pesca, preparo da terra para cultivo e produção de instrumentos, enquanto as mulheres eram encarregadas de produzir a cerâmica, o caium (bebida ritualística produzida a base da mandioca amarga), coletar alimentos, plantar, cozinhar e cuidar das crianças. A alimentação era baseada, principalmente, na mandioca e milho, sendo a tapioca, pokeka, castanha do Pará e até paçoca muito recorrentes na dieta tupi-guarani.

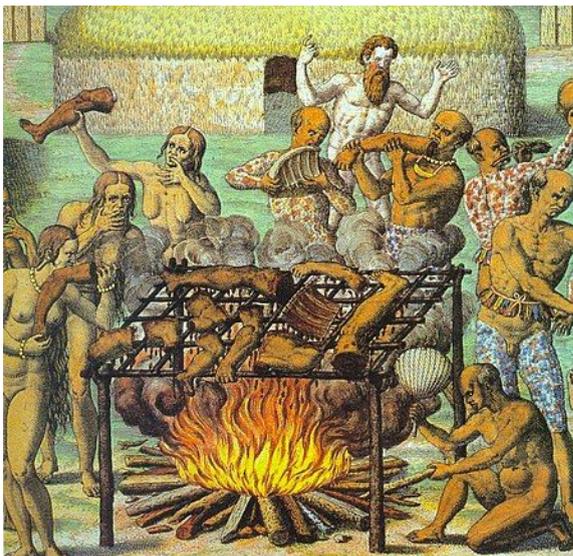
A guerra para esse grupo vai muito além da simples conquista ou pilhagem de determinada região, pois tem como motor explícito a vingança dos ancestrais mortos e a captura de prisioneiros - cujo destino não era a escravidão, mas a morte e a devoração em praça pública². A execução dos prisioneiros poderiam tardar

² É digno de nota aqui destacar que a escravidão no mundo indígena não está atrelada ao serviço de força de trabalho, nem como propriedade ou riqueza inalienável. O cativo indígena tinha um significado diferente da escravidão europeia e apontava para outro tipo

vários meses e nesse intervalo o cativo vivia na casa de seu captor, que lhe cedia irmã ou filha como esposa. A execução era um momento privilegiado de articulação das aldeias em nexos sociais maiores e estava ligado a concepção sobre o prestígio, a reprodução humana e o destino póstumo. A prática da antropofagia entra nessa celebração como forma de concretizar a vingança dos parentes e, principalmente, adquirir a força e coragem do guerreiro sacrificado.



*Gravura em cobre de Theodor de Bry. Dança ritual dos Tupinambá.
No centro, três pajés com mantos de penas, cintos e diademas.*



Antropofagia no Brasil segundo a descrição de Hans Staden.

de organização socioeconômica, em que as assimetrias eram traduzidas em relações de parentesco.

No que diz respeito a mitologia, as narrativas Tupi-Guarani são riquíssimas. É muito comum nos depararmos no Brasil com pessoas que tem um vasto conhecimento sobre mitologias gregas, nórdicas, célticas e até egípcias, e quase nenhum acerca das lendas e mitos presentes nos inúmeros povos indígenas brasileiros. Os povos Tupi-Guarani acreditavam em um deus supremo, denominado Tupã e conhecido como deus do Trovão (pois é, o Thor não é o único); com a ajuda da deusa Araci, ele teria descido à terra em um monte da região do Aregúa (Paraguai) e deste local criado os mares, florestas, animais, etc. e colocado as estrelas no céu. Esse é apenas um exemplo dentre toda uma mitologia baseada na observação da natureza, recheada deuses, explicações do comportamento da natureza e criação do mundo.



Representação imagética de algumas divindades Tupi-Guarani

Questionamentos finais?

Levando em conta que, por definição, a invenção da escrita define o início da História: Estariam esses povos indígenas em uma condição de Pré-História? Justifique sua resposta

Os povos indígenas são povos “atrasados” ou “menos evoluídos”?

O que explicaria o desinteresse ou a falta de conhecimento acerca da mitologia indígena no Brasil?

O que define um indígena na atualidade?

Fontes:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimto.htm>

<https://www.facebook.com/Geopizza/>

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil - Rio de Janeiro, Zahar, 2000

https://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-tupi-guarani/https://noamazonaseassim.com.br/as-tribos-indigenas-do-estado-do-amazonas/?fbclid=IwAR3UpujxQLIC4V8F_hEQ6pHewT6-ZmWH-Ev_PWU9cgU0DgAgV80trqjxsm4

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantos-habitantes-havia-no-brasil-na-epoca-do-descobrimto/?fbclid=IwAR2mWUz2DBmy88aMczxS9P1WQMp7kfJ3I1hRkslu3xoIYLCbcfkLfnvCDHg>

https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-deuses-da-mitologia-indigena-brasileira/http://www.tancredoprofessor.com.br/conteudo/83/os-povos-tupi-guarani?fbclid=IwAR1f_n-SNLHWY9Q-TmXdllDe_i7QHDIYmhxzbTRN7QzMygQEMu-sAGlqzA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_ind%C3%ADgena_do_Brasil

<http://www.tancredoprofessor.com.br/conteudo/84/ritual-antropofagico>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropofagia>